

Perspectivas norueguesas e brasileiras sobre gênero e igualdade racial - São Paulo, 25/11/19

A Innovation Norway, a Embaixada da Noruega e o Real Consulado Geral da Noruega convidam para o evento “*Perspectivas norueguesas e brasileiras sobre gênero e igualdade racial*”, que acontece no dia 25 de novembro, em São Paulo/SP. O evento, que integra o calendário da [Norway Brazil Weeks](#), reunirá jornalistas, influenciadoras e empresárias para uma troca de experiências sobre estratégias utilizadas nos negócios e mídias para impulsionar a igualdade de gênero e raça. Os debates apresentarão as diferenças e similaridades entre Brasil e Noruega quanto as perspectivas econômica, social e ética da diversidade.

Será disponibilizada tradução simultânea durante todo o evento. Mais informações [neste link](#).

Programação

14:00	Inscrição (30 min)
14:30	Abertura (05 min)
	Nils Martin Gunneng , Norwegian Embassy
14:35	Compartilhando experiências: Igualdade de Gênero e Diversidade impulsionam o desenvolvimento econômico (1h)

	<p>Curto vídeo sobre viagem de imprensa de gênero, Outubro 2019</p> <p>Painelistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Luciana Barreto, CNN Brasil · Carlos Lienstadt, HR VP, Yara Brasil · TBA, Mulheres no Brasil <p>Moderadora: Pilar Neves, Innovation Norway</p>
15:35	Sessão Q&A (10 min)
15:45	Uso estratégico da mídia na visibilização da diversidade (1h)
	<p>Panelists:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Charô Nunes, Instagram Blogueiras Negras · Semayat Oliveira, Instagram Nós Mulheres da Periferia · Palestrante indicado pela Trip, TBC <p>Moderadora: Jacira Melo, Instituto Patricia Galvão</p>
16:45	Resultados parciais do plano diretor: Como implementar estratégias de gênero e diversidade nos seus negócios (30min)
	Sandra Valle , Pro-Mundo
17:15	Campanha ONU Mulheres - 16 dias de ativismo #orangetheworld #pinteomundodelaranja - (30min)
	Adriana Carvalho , ONU Mulheres - TBC

Perspectivas Norueguesas e Brasileiras sobre gênero e igualdade racial.

Local: Casa de Cultura do Parque - Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1.300 - Alto de Pinheiros, São Paulo

Dia 25/011/2019, das 14h às 18h.

Seminário Internacional Fazendo Gênero 2020 - Florianópolis/SC, 26 a 31/06/2020

Mariana Valente, Natália Neris (InternetLab) e Larissa Santiago (Blogueiras Negras) convidam todas/os/es a enviar trabalhos para comunicação oral ou pôster e participar do Simpósio Temário do Fazendo Gênero 12, que acontecerá em Florianópolis, de 26 a 31 de junho de 2020.

Mariana, Natália e Larissa coordenarão o **ST 135 - “Mulheres e Internet: Ativismos, diversidade de vozes e seu alcance, e formas de silenciamento”** que possui a seguinte proposta:

Com a expansão das formas de comunicação pela internet e em contextos de renovadas conflituosidades políticas e sociais, as redes sociais e outras mídias digitais passaram a ser centrais na mobilização de diferentes grupos de mulheres. Há uma emergente percepção no campo acadêmico de que os

movimentos feministas foram profundamente impactados pelas mídias digitais, e que elas, por sua vez, também vêm sendo transformadas pelas apropriações que esses movimentos operam nelas.

Este Simpósio Temático visa ser um espaço para discussão de pesquisas empíricas e teóricas sobre temas que perpassam mulheres e internet - de potenciais do ativismo, aos seus riscos - de violência à vigilância -, para contribuir com a solidificação de um campo de pesquisa emergente, que vem se constituindo de forma interdisciplinar, e explicitar questões e diferenças envolvendo metodologias de pesquisa, diagnósticos e bases teóricas.

O prazo para envio das propostas se encerra em 29 de outubro de 2019.

As orientações sobre o resumo a ser enviado e a realização da inscrição, além de mais detalhes sobre o evento, podem ser encontradas em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/12/>.



ST 135
SIMPÓSIO TEMÁTICO

Mulheres e Internet:
Ativismos, diversidade
de vozes e seu alcance, e
formas de silenciamento

COORDENADORAS(ES)


Mariana G. Valente

InternetLab - São Paulo/SP

Natalia Neris

InternetLab - São Paulo/SP

Larissa Santiago

Blogueiras Negras



**Ah! Branco, dá um tempo! Carta
aberta ao senhor Miguel**

Falabella

(Blogueiras Negras, 10/09/2014) Você me pergunta se vou dizer que você é racista, me responda você!

Racismo não é polêmica, muito menos rancor ou falta de humor. Mais que ninguém, que se pensa um defensor dos direitos de seus pares negros e portanto um aliado na luta contra o racismo, deveria saber disso. Deveria saber também que cogitar tal hipótese e ainda enumerar amigos negros para se defender, é viver num mundo tal de privilégio onde se pode rebater a crítica dizendo que as vozes de mulheres negras são apenas controvérsia, ou fazer um grande esforço para esconder o próprio racismo. Quem sabe os dois.

Ah! Branco, dá um tempo! Você diz que “dói” ver luta de seus colegas negros, menosprezados e invisibilizados por sua cor. No caso da mulher negra, tudo se agrava.

Você certamente tem ciência das recentes e tristes notícias sobre Neuza Borges, uma das maiores atrizes que temos, mas que por seu lugar de mulher negra não encontra lugar na televisão brasileira. Vive na carne a falta da carne em seu prato porque a próxima novela não acontecerá tão cedo. Vai depender da “boa vontade” de alguém, não do seu talento.

Você me pergunta se o problema é o sexo ou “as nega”, querendo desacreditar nossas críticas fundamentadas não em pré-julgamento, mas em fatos veiculados na mídia.

Notícias essas que agora dão conta que de repente a Globo, antes tão entusiasmada com seu projeto, parece que já não está tão feliz assim. Você argumenta que se trata de uma prosódia pura e simplesmente. Alega que o título da série veio de uma mulher negra.

Aliás, me pergunto se essa mesma mulher recebeu os devidos créditos e bufunfa por sua colaboração já que foi descrita por você como nada mais que um estereótipo, alguém que não merece nome, muito menos sobrenome.

Não tem problema branco, vou enegrecer tudo novamente.

As negas, volto a explicar, não é uma questão de prosódia.

Tal expressão transforma o corpo da mulher negra em peça, como eram chamados os escravizados, a ser consumida por uma sociedade racista. Nos coloca no lugar de mercadoria de segunda mão que não receberá o mesmo tratamento da carne branca e delicada, aquela que não é “suas nêga”. A expressão é embuída não apenas de pensamento escravocrata, mas também de machismo, cujas consequências sentimos na pele por sermos mulheres negras. Trata-se portanto de uma dupla violência que categoriza mulheres de acordo com sua cor de pele, qualidade que determinará qual o valor e o lugar que têm.

Ainda sobre o nome da série, temo que muitas pessoas não saibam a diferença entre um adjetivo racista e um adjetivo comum. Na Bahia, nego e nega tem conotações diferentes das que tem em Recife, por exemplo. E dependendo do uso da frase, do tom

com que se
fala, de quem recebe e de quem envia a mensagem, você ofende ou elogia.
No entanto,
a construção “não sou tuas nega” não permite outro significado possível que
não o
racismo num contexto hediondo de 350 anos de escravização. E se alguém
perpetua
adjetivo racista, que nome isso deve ter? Ah! Branco, me diga você!

Sua idéia, aos olhos poucos atentos ou interessados apenas em gerar lucro,
pode até
parecer de grande monta. Porém, está longe de gerar visibilidade ou
dignidade. Aliás, exatamente o contrário. Como quase sempre acontece com
literatura e dramaturgia feita
por brancos sobre negros, nos trata como simples objeto de estudo, algo que
pode ser
manipulado e observado justamente como você faz, nos ensina a professora
Lígia
Fonseca Ferreira. Nada mais é que negrismo e não negritude, como tem
insistido o
escritor e jornalista Oswaldo de Camargo.

Sim, estou dizendo com todas as letras que quem deve escrever para o negro
e pelo
negro deve ser ele mesmo, não uma pessoa branca. Chame isso de racismo
reverso se
quiser. Para gente o nome disso é visibilidade, esta sim capaz de nos ter
algum benefício,
com poderes para mudar o modo como seremos retratadas na próxima
novela, na
próxima minissérie. Sem isso, nada mudará, seguiremos sendo uma
sociedade
estruturalmente racista e machista onde a mulher negra nada mais é que um
estereótipo
para racista se divertir ou entreter.

Uma sociedade em que nós, mulheres negras, não somos protagonistas nem mesmo num seriado a quem damos o nome. Sim, as notícias têm mudado, mas as primeiras davam conta de uma branca como a atriz principal. Ela que, atrás de um balcão de bar, vai nos observar como animais num zoológico, ela quem fala em nosso lugar. Nossa história, sofrimento e capacidade de discursar sobre nós mesmas são meros detalhes. A narradora da trama, nesse caso narrador, é alguém isento desse mesmo sofrimento. Não é bobagem, nem caretice, nem ditadura do politicamente correto como alguns vão afirmar. É crítica e zelo por nossa memória e existência.

Você argumenta que “um programa que refletisse um pouco a dura vida daquelas pessoas, além de empregar e trazer para o protagonismo mais atores negros” seria desejável. E na verdade seria mesmo. Desde que escrito, produzido e protagonizado por negros. Não por alguém que nem se deu ao trabalho de creditar a mulher negra que deu o título à série. Esse detalhe é causa e ao mesmo tempo consequência de todos os outros: a fetichização de nossa sexualidade e corpos, a ênfase nos estereótipos, a violência simbólica que a série representa.

Como pretender que nos desumanizar é visibilidade? Desde quando nos tratar como a carne mais barata do mercado como canta Elza, a Soares, é ser aliado? Ah! Branco, dá um tempo! Suas palavras apenas enfatizaram suas intenções, a cada parágrafo tivemos a certeza de que nossas críticas são fundamentais e muito bem fundamentadas, por isso incomodam tanto. Seguiremos denunciando o racismo e o machismo daqueles que se fiam no privilégio para destilar veneno e cometer tais violências contra a mulher negra.

Isso não é sobre sexo. É sobre denunciar um sistema perverso que exclui as mulheres negras de todas as esferas e nos torna menos que humanas. Sistema esse que também incide sobre o homem negro, alvo primeiro e preferencial da violência policial e da hipersexualização do seu corpo: o “homem do pau grande” é resultado da brutal animalização do corpo negro, sempre pronto pro sexo. Onde está a crítica desse sistema na televisão brasileira? De certo não está em seu seriado, muito menos em sua fala.

Repudiamos suas palavras porque fomos estupradas nas senzalas e continuamos a ser na dramaturgia feita por brancos sobre nós através de imagens estereotipadas em seriados, novelas e minisséries. Esse é um dos mecanismos que a aliança entre o racismo usa para se perpetuar: hipersexualizando a mulher negra que se torna desprezível para outros papéis sociais. Você fala da mulata quente, gostosa, ferosa. Somos muito mais que isso. Precisamos ser mostradas como as mulheres do dia-a-dia, que trabalham, dançam, fazem festa e querem sexo sim, mas que não são apenas isso.

Não estamos aqui menosprezando nem dizendo que não somos camareiras, domésticas, cabeleireiras: também somos trabalhadoras domésticas, cuidadoras. Mas sobretudo, com as nossas conquistas e a nossa luta, galgamos lugares, posições: somos diretoras, bailarinas, advogadas, publicitárias, escritoras, professoras e médicas. Onde elas estão no seu seriado? Será que elas não moram em Cordovil? Será que elas não estão

nas

periferias? Duvido muito. NÃO aceitaremos mais ser caricaturas! Por isso a crítica vai além do nome da série, o que por si só é deveras problemático.

Ah! Branco, dá um tempo! Nem queremos crer que você está se comparando e

recorrendo a Spike Lee para credibilizar seu trabalho. Não, nos recusamos. E não é

somente porque Spike Lee é preto, é porque não vemos nada, absolutamente nada de

crítica racial em “Sexo e as Nega” como vemos em “Faça a coisa certa”. O gueto é

paisagem, mas também é a vida, é a teia, é o sangue do autor que não está só observando e contando sua versão dos fatos: Spike Lee está no gueto, ele é o gueto. E não alguém que não é “as nega”, alguém que pretende que nosso único objetivo de vida

é ter um parceiro sexual.

E por favor, respeite nossa memória e retire suas palavras ao nos chamar de capitães do

mato. Não estamos perseguindo as atrizes negras desse seriado, muito menos as

mulheres reais que são representadas pelas suas personagens. Quem conhece um

pouquinho de história e dela faz um uso bem intencionado, sabe que existem outras

versões além daquela em que fomos escravizados sem lutar, viemos sem resistência num

navio negreiro. Não se faça de desentendido, quem criou capitães do mato não foram os

próprios negros.

Acusar alguém de “se tornar capitão do mato” é algo muito mais complexo do que

formular uma frase. É impossível que sejamos algozes de nós mesmos, isso é

falácia.

Retire sua fala e reflita sobre o que significa nosso boicote e crítica que têm como alvo um modelo e um sistema historicamente racistas, em que nem o direito de falar, contar nossas próprias histórias e tecer críticas nós temos. Repito: isso não é uma caçada ao povo negro nem à mulher preta e pobre. É sobre o racismo enrustidamente manifesto, sem nem se sentir ou admitir.

Manifestamos profunda oposição a esse mundo, de quem bate e finge entender a dor daquele que apanha. Esse mundo onde racismo agrada, é piada pronta para gerar audiência e naturalizar o racismo. Estamos fartas do seu discurso, de programas que usam blackface, que transformam toda mulher negra em empregada doméstica ou mulata globeleza. Nossos corpos não são espaço para seu deleite, divertimento, lucro ou usufruto. Nós somos mulheres negras de pena e teclado, ciosas e autoras de nossos próprios enredos e objetivos de vida.

Ah! Branco, dá um tempo! Quem nos silencia é racista sim.

Acesse no site de origem: [Ah! Branco, dá um tempo! Carta aberta ao senhor Miguel Falabella \(Blogueiras Negras, 10/09/2014\)](#)

Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo, por Eliane Trindade

(Folha de S.Paulo, 06/05/2014) “Caro Fausto Silva, nosso cabelo não é vassoura. Não é bombril. Não é ruim nem o secamos numa ventania.” Do alto de seu 1,81 m alongados pela cabeleira black power, a promotora de eventos Tati Braga respondeu assim, em seu perfil no Facebook, ao apresentador da Globo.

Diante de reações como essa nas redes sociais, Faustão foi forçado a se explicar sobre seu comentário em relação ao visual “vassoura de bruxa” de Arielle Macedo, dançarina da funkeira Anitta, feito em 20 de abril.

Era o início de uma polêmica que correu em paralelo a outra, também midiática, sobre racismo: o jogador Daniel Alves comendo uma banana em resposta ao gesto ofensivo de um torcedor em partida do Campeonato Espanhol, seguida da controversa campanha #somostodosmacacos.

Nesse meio de campo minado, a jovem de classe média alta e moradora de Higienópolis, bairro nobre de SP, dá uma banana para a chapinha (e todas as formas de alisamentos), ao assumir os fios naturalmente crespos. Um gesto de afirmação de sua identidade negra.

A “brincadeira”, como justificou o apresentador em rede nacional, é do mesmo tipo que Tati encara vida afora, em ambientes tão díspares quanto a escola da filha e os salões sofisticados onde circula com o marido, o italiano Diego Tomassini, responsável pela representação brasileira do Ministério do Meio Ambiente da Itália e diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Fiesp (Federação das Indústrias de SP).

EM PRIMEIRA PESSOA

A seguir, o relato em primeira pessoa de uma mulher negra de 27 anos, nove

deles desfilando pela vida com uma “coroa que lembra cotidianamente suas raízes, tão fortes quanto o orgulho de ser negra”:

“Eu costumo dizer que sou da época pré-chapinha. Assumir meu cabelo foi um processo complicadíssimo. Até os 18 anos, fazia todos aqueles alisamentos químicos e passava horas no cabeleireiro esticando os fios na escova.

Desde criança, aprendemos que nosso cabelo é feio. Me falavam: ‘Você tem que abaixar, domar a juba’. Sofria bullying, que ainda não tinha esse nome. Na escola era sempre aquela coisa: ‘Seu cabelo é ruim’.

Quando me olhava no espelho, via outra pessoa. Como no filme ‘Preciosa’, no qual a protagonista se imaginava loura, branca e magra. O seu oposto. Eu sonhava em ser Paqueta. Como elas eram todas loiras, queria pintar meu cabelo de amarelo. É a negação do que você é.

Passei a cultivar os meus cachos quando descobri pela internet um coletivo do Rio de Janeiro chamado Meninas Black Power. Elas fazem um trabalho de empoderamento com garotas negras e vão às escolas para captar meninas de 10, 11 anos que já começam a alisar, para dizer que elas podem ser lindas com seus fios cacheados.

PRINCESA ANGOLANA

Se nós negras não começarmos a nos gostar e achar nosso cabelo lindo, ninguém vai fazer isso.

Eu ensino isso para meus três filhos. Ana tem cinco anos, e o cabelo no meio das costas, todo ondulado. Outra dia, numa festa da escola, falaram pra ela que não havia nenhuma princesa com o cabelo ruim como o dela. Ela chegou em casa dizendo que queria cortar os cachos. Falei que eles eram lindos e quem tem de gostar é ela.

No dia seguinte, Ana foi pra escola novamente com o cabelo solto e, quando falaram de novo, ela respondeu: ‘Eu sou uma princesa angolana’. Ela é bem clarinha e tem cabelo meio lourinho, mas se assumiu.

A forma como eu lido com o meu cabelo é um exemplo pra ela. É aquela

coisa, vou ao salão fazer a unha e o cabeleireiro vem enlouquecido: ‘Tem uma escova divina, que vai te deixar com um cabelo lindo’. Digo: ‘Não, obrigada. Gosto assim, quanto mais volume melhor’.

De um outro, ouvi: ‘Você viu os cachos comportados da Taís Araújo?’ Eu respondo: ‘Você quer dizer do aplique dela’. Na época de ‘Cobras e Lagartos’, a atriz fez uma química para aparecer loura e o cabelo dela caiu. Ela usou turbante quase a novela toda. No final, apareceu com o cabelo curtinho e cacheadinho. Aconteceu o mesmo com Naomi Campbell, que foi ficando careca e hoje usa peruca.

EM TERRA ESTRANHA

Eu sou a única negra do meu prédio na avenida Higienópolis. Logo que mudei, tinha que me identificar sempre na portaria. Até que um dia, eu repliquei: ‘Não precisa avisar para eu subir para minha casa’. No elevador, uma vizinha já me ofereceu emprego: ‘Estou precisando de uma mocinha lá em casa’. É aquela coisa de eu só poder entrar naquele tipo de prédio onde moro como funcionária.

Quando nós reclamamos de situações como essas dizem que entendemos errado. As pessoas não percebem que são racistas nem se assumem como tal.

SALADA RACIAL

Minha família é uma salada. Por parte de pai, minha avó era descendente de italianos. Minha bisavó materna era escrava reprodutora, que teve 20 e tantos filhos e fugiu para um quilombo.

De lá, ela veio para São Paulo, onde nasceu minha avó, que se casou com um homem branco, descendente do dono da minha trisavó.

Por isso, tenho a pele e olhos mais claros. As filhas da minha avó são todas brancas, enquanto os filhos, todos negros. Quando saía com as meninas pensavam que ela fosse a babá. Recentemente, estava com os meus filhos na praça Buenos Aires, aqui no bairro, e acharam o mesmo. Ao responder que sou a mãe, já ouvi absurdos: ‘Que sorte seus filhos terem saído clarinhos’. É muito cruel.

Trocar essas experiências na internet vai nos fortalecendo. É aquele sentimento: ‘Não estou sozinha’. Achei a minha turma. Temos também as Blogueiras Negras, o portal Geledés, do Instituto da Mulher Negra. Hoje, é possível encontrar vídeos com tutoriais de como tratar o nosso cabelo em casa. Outros ensinam a fazer turbante.

ATO POLÍTICO

Daniel Alves pegar a banana e comer em campo é um ato de resistência. Quando alguém te chama de macaco, ou você vira e dá um tapa na cara ou ignora. É como se ele tivesse dado um tapa na cara da torcida racista.

O problema é não ter o mesmo alvoroço quando houve um caso de racismo com um árbitro no Rio Grande do Sul. Nem quando chamaram Joaquim Barbosa de macaco pelo Twitter. E olha que o cara é o presidente do Supremo Tribunal Federal.

Por isso, a militância deve ser cotidiana. Muitas meninas negras ainda não entendem que assumir o cabelo ‘vassoura de bruxa’ é também um ato político e um modo simbólico de dizer: ‘Eu existo e vocês vão ter que me encarar’. Pela minha experiência, aceita que dói menos.”

ALÉM DO INSTAGRAM

Coordenadora do projeto Imprensa e Racismo da Andi (Agência Nacional dos Direitos da Infância), a jornalista Maria Carolina Trevisan também foi instigada a falar sobre a campanha #somostodosmacacos. Seu comentário no Facebook teve 120 compartilhamentos e foi republicado em sites ligados ao movimento negro.

“O racismo é complexo, está arraigado na nossa cultura e não pode ser resolvido no Instagram”, criticou, diante da enxurrada de fotos de famosos, entre elas dos apresentadores Luciano Huck e Angélica. O casal foi um dos primeiros a apoiar o chamado de Neymar, que postou no seu perfil uma foto com uma banana, ao lado do filho.

O atacante, colega de Dani Alves no Barcelona, desencadeava assim uma campanha publicitária encomendada por seu pai à agência Loducca para

reagir ao preconceito do qual passou a ser vítima nos gramados europeus. O mesmo Neymar que, em 2010, declarara nunca ter sofrido racismo, “até porque eu não sou preto”.

O publicitário Guga Ketzer negou, em entrevista ao site da “Veja”, que o movimento tivesse sido orquestrado. “O Neymar [que está contundido] ia comer [a banana em campo], mas como foi o Dani, maravilha também”, afirmou. E disse que desmerecer o movimento pelo fato de ter uma agência por trás é tão preconceituoso quanto o torcedor que joga a banana. “Por que não pode haver ajuda profissional?”

RACISMO MATA

Em entrevista ao “Altas Horas”, da Globo, Daniel Alves declarou que um detalhe da campanha não o agradou: “Eu não gosto muito do #somostodosmacacos, porque acho que a gente é a evolução disso. Somos humanos e todos iguais. Acho que é isso que devemos defender”.

Carolina Trevisan vê diferenças entre o gesto espontâneo e a adesão a uma campanha sem o devido engajamento. “Uma coisa é Dani Alves comer a banana -pela primeira vez um jogador se manifestava durante uma partida. Outra coisa é nós, brancos, posarmos com a fruta. Se cada um que postou essa imagem se vigiasse para sacar quando o seu próprio racismo aflora, seria um passo.”

A jornalista ressalta que o futebol brasileiro levou 31 anos para aceitar negros em suas equipes. Antes disso, os jogadores tinham que passar pó de arroz para embranquecer a pele e entrar em campo. E conclui: “Se você é branco e quer ter uma atuação legítima, é necessário cuidado, delicadeza, humildade, escuta e, principalmente, muito respeito. Porque o racismo reproduz uma dor enorme. O racismo mata.” E dói, como relata a princesa black power de Higienópolis.

Acesse no site de origem: [Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo \(Folha de S.Paulo, 06/05/2014\)](#)

Blogueiras impulsionam causas feministas na internet

(Folha de S.Paulo) Juliana tinha 11 anos quando levou a primeira cantada na rua, a caminho da padaria. Paola ouvia todo dia as colegas de balé criticarem o próprio corpo. Lola ainda era criança quando conheceu a revista feminista “Ms”. Anos mais tarde, decidiu: “Vou começar meu próprio blog”.

Agora Juliana, Paola e Lola, mas também Aline, Bia, Zaíra, Hailey e muitas outras que se reconhecem como feministas movimentam a blogosfera, de cidades como São Paulo, Curitiba e Fortaleza, para mostrar pelo que lutam as mulheres de hoje.

A lista de cobranças ainda é longa. Estudiosos de relações de gênero falam em novos feminismos, em que pautas tradicionais incorporam novas exigências, como a de poder se vestir como quiser, sem ser assediada por isso.

Contra o assédio nas ruas, a jornalista Juliana de Faria, 29, usa seu blog “Think Olga” para divulgar a campanha Chega de Fiu Fiu. A ideia, diz, é mostrar que o assédio é mais frequente e menos tolerável do que se imagina.

Das 7.762 mulheres que participaram de uma enquete para a campanha, 83% disseram que não gostam de ouvir uma cantada, e 90% já trocaram de roupa antes de sair de casa por medo de assédio.

“Se eu vejo que aconteceu a mesma coisa com outras, é porque o problema está fora da gente. Tanto faz a roupa que a gente está usando ou onde estava”, diz Juliana.

Para a socióloga Bárbara Castro, da Unicamp, a campanha é um exemplo de que as feministas lutam pelo que sempre lutaram, mas com um discurso mais complexo.

A principal bandeira, diz a socióloga, é a igualdade de condições para que as mulheres possam fazer suas próprias escolhas, mesmo que seja se vestir para agradar o parceiro ou deixar o emprego para cuidar dos filhos.

Para tentar reduzir essas desigualdades, Bia Cardoso, 32, coordena de Brasília o coletivo “Blogueiras Feministas”, com dezenas de colaboradoras em outras cidades.

Elas cobram dos governos ações como a construção de creches e abrigos para vítimas de violência e se opõem a iniciativas como o Estatuto do Nascituro, projeto de lei que, na avaliação delas, poderá dificultar o aborto nos casos previstos em lei.

Para Bia, a via política é a forma de levar o ativismo do mundo virtual para a vida real. “O que a gente pode fazer de concreto para as coisas mudarem? Cobrar o governo e o Legislativo”, diz.

SEGUIDORAS

Quando a professora Lola Aronovich, 46, decidiu criar o “Escreva Lola Escreva”, em 2008, abriu caminho para muitas meninas que não conheciam o feminismo. Hoje, com cerca de 250 mil visitas mensais, seu blog é um dos mais populares no meio.

Uma de suas seguidoras é a escritora Aline Valek, 27, que ao lado da amiga arquiteta Gizelli Sousa, 30, criou o podcast “We Can Cast It”.

Entre notícias sobre cultura pop, filmes e quadrinhos, elas tentam quebrar preconceitos. Defendem que o feminismo não é o oposto do machismo porque o que as mulheres querem é ser tratadas como iguais, e que não é preciso ser “feia e peluda” para ser uma autêntica feminista.

Mas há as que criticam os padrões de beleza. É o caso da curitibana Paola Altheia, 26, do blog “Não Sou Exposição”, onde incentiva as leitoras a não se sentirem pressionadas para ter um corpo que agrade os homens.

“Se você quer ir para a academia e está feliz assim, ótimo. O problema é que muitas mulheres estão infelizes.”

BANDEIRAS

Outra cara dos feminismos de hoje, diz Bárbara Castro, é a mistura de bandeiras ou o que chama de interseccionalidade. Nesse caminho, surgiram blogs de feministas negras, transexuais e lésbicas.

“As demandas são diferentes. Enquanto a mulher branca lutava para poder trabalhar, a negra já tinha que trabalhar para complementar a renda”, diz a jornalista Zaíra Pires, 26, uma das autoras do “Blogueiras Negras”.

Há ainda a luta contra a solidão, diz. “A mulher negra é desejável sexualmente, mas na hora de ser uma parceira, o homem prefere a branca.”

Em outra frente, as transexuais buscam desfazer estereótipos, como Hailey Kaas, 24, do blog “Transfeminismo”. “Se para ser mulher não preciso fazer maquiagem ou usar salto alto, as mulheres transexuais sofrem mais com esse estereótipo.”

Acesse o PDF: [*Blogueiras impulsionam causas feministas na internet \(Folha de S.Paulo, 11/03/2014\)*](#)